

INVESTIDOR DEVE OLHAR PARA CHINA

INFORME SETORIAL

‘No exterior, investidor deve olhar para China’

O Estado de S. Paulo.

CEO da Azimut Brasil há 8 anos, Perrucci está na companhia desde 2008; antes, passou por Capitalia e Bank of Ireland.

Em comparação aos estrangeiros, o brasileiro ainda é considerado “tímido” na hora de alocar os recursos fora do mercado doméstico. Com a entrada dos BDRS (Brazilian Depositary Receipts) na Bolsa de Valores brasileira, porém, o interesse em diversificar os investimentos no exterior tem aumentado. Giuseppe Perrucci, CEO da Azimut Brasil, aconselha que os investidores brasileiros tenham uma parcela da sua carteira no mercado chinês. Segundo o executivo, a potência econômica asiática tem um papel importante na economia global e pode oferecer retornos financeiros a longo prazo.

A companhia presidida por Perrucci faz parte da rede internacional Azimut, presente em 17 países. No País desde 2013, a empresa conta com uma gestora de patrimônio, a Azimut Brasil Wealth Management, e outra de recursos, a AZ Quest. São 2,5 mil clientes atendidos pelo grupo, que gerencia um patrimônio na faixa dos R\$ 27 bilhões.

O E-investidor conversou com Perrucci sobre a importância de o investidor brasileiro olhar para o mercado internacional. Confira os principais trechos da entre-

vista.

O movimento de alta de juros nos Estados Unidos e a guerra entre Rússia e Ucrânia criaram um momento oportuno para o brasileiro investir no exterior?

Temos a situação que o Federal Reserve (Fed) começou a subir os juros. O Banco Central da Europa também está com a mesma perspectiva, mas agora entrou uma guerra no cenário. Por isso, nesse momento específico, talvez não seja o melhor período para alocar o dinheiro no mercado externo. Para quem já colocou os seus recursos fora e conquistou ganhos em 2020 e 2021, o interessante é trazer o dinheiro de volta para o Brasil para aproveitar a alta dos juros e a valorização do real.

O sr. recomenda a mesma estratégia no longo prazo?

Olhando para os próximos meses até o fim deste ano, eu ficaria mais com o Brasil. Se você não for resgatar esse dinheiro nos próximos seis meses, ter uma parcela nos mercados americano e europeu sempre vai oferecer benefícios.

Quando falamos em mercado externo, é comum olhar para os Estados Unidos. Há oportunidades em outros mercados?

Estados Unidos, Europa e China são os mercados mais representativos. A China tem um mercado interno gigante com uma capacidade de trabalho de 1 bilhão de pessoas. Todo mundo comprometido em trabalhar, ganhar e mudar a sua qualidade de vida. Com certeza, é um mercado que deveria fazer parte dessa diversificação internacional. Nos últimos anos, a China continuou ganhando espaço. Mas a pandemia da covid-19 trouxe um impacto forte na globalização, e a China depende da globalização porque é a fábrica do mundo.

E quais empresas ou ativos que o investidor brasileiro deve investir na China?

A escolha da empresa é mais um trabalho de gestora. Os índices chineses, co-

mo o de Xangai, são os que devem ser olhados. Há empresas no mercado que são similares a uma Tesla ou a uma Amazon. Mas sei que essas empresas champions (Petrochina, China Life e 360 Security Technology) da China têm números gigantescos de faturamento, de clientes e atividades de negociações ao longo do dia. A minha indicação são as ações chinesas do Índice de Xangai.

O investidor brasileiro é mais resistente em comparação aos estrangeiros na hora de investir no exterior?

Não é uma cultura presente. Na média, o mercado brasileiro tem menos de 1% exposto em ativos offshore (investimentos feitos no exterior). Isso é muito pouco. Na Europa, os investidores têm de 30% a 40% dos seus investimentos aplicados no mercado americano e mais outra parcela na China. Então, você chega a um percentual de 50% do capital exposto no mercado externo. Por muitos anos, investidores brasileiros não tiveram interesse nos ativos internacionais. Depois que os juros foram para níveis mais baixos, começou a surgir essa necessidade. Mas, quando o mercado voltou a mostrar juros de 12%, 13% e 14%, o interesse ou o apetite por outros ativos reduziu novamente.

As eleições podem incentivar uma alocação em ativos internacionais?

As eleições não seriam um motivo neste momento, no meu ponto de vista, para não manter os investimentos no Brasil. O fato de os investidores estrangeiros estarem olhando para o Brasil está acalmando mais o mercado.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 414 - Em 01 de abril de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.